

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2021)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – SUSTER, Claudia Regonha; FONSECA, Débora Cristina; NAVARRO, Natália Capristo. O acolhimento familiar na perspectiva das crianças e adolescentes acolhedores. Comunicações, Piracicaba, v. 27, n. 2, p. 121-140, 2020.

2) Resumo e Palavras-Chave – Considerando a crescente implantação dos serviços de famílias acolhedoras enquanto modalidade de acolhimento e como alternativa à institucionalização de crianças e adolescentes que precisaram ser afastados do convívio familiar por vivenciarem situações de violação de direitos, esta pesquisa teve por objetivo compreender as percepções das crianças (faixa etária entre 9 e 11 anos) que compõem os núcleos de famílias acolhedoras, observando os processos educativos que atravessam durante a experiência de acolher e desacolher. Para a coleta de dados, foi desenvolvido um grupo focal com as crianças e adolescentes acolhedoras. A análise deste material foi construída à luz dos Núcleos de Significação, pautadas pela perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. Os resultados demonstram que esta experiência contribui para formação desses indivíduos e se mostram importantes para o seu desenvolvimento enquanto gênero humano, atribuindo à sua existência, novos sentidos
Palavras-Chave: criança; adolescente; violência doméstica; políticas públicas; violação dos direitos humanos.

3) Objetivo do estudo – Compreender as percepções das crianças (faixa etária entre 9 e 11 anos) que compõem os núcleos de famílias acolhedoras, observando os processos educativos que atravessam durante a experiência de acolher e desacolher.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – A pesquisa foi realizada junto de um Serviço de Acolhimento Familiar localizado em um município de grande porte no interior do Estado de São Paulo, implantado em meados de 2013. A pesquisa envolveu as famílias acolhedoras como um todo (SUSTER, 2017). Entretanto, para o recorte deste texto, destaca-se o levantamento de dados com as crianças e adolescentes. Foram participantes desse estudo duas crianças e dois adolescentes, com idades próximas e que pertencem ao núcleo de famílias acolhedoras cadastradas no referido serviço.

Todos já haviam passado pela experiência de acolher e desacolher crianças e se conheciam em função dos espaços compartilhados entre as famílias acolhedoras, o que de alguma maneira, facilitou a comunicação entre eles. Com o objetivo de compreender a percepção de crianças acolhedoras sobre a execução do acolhimento familiar, a coleta de dados utilizou-se de grupo focal, recurso que possibilita a discussão baseada nas experiências dos participantes, permitindo ao pesquisador compreender os processos de construção da realidade de determinados segmentos da sociedade, as práticas cotidianas, comportamentos e atitudes, percepções, crenças, preconceitos e linguagens construídas acerca do fenômeno estudado (GATTI, 2005). Foi realizado um encontro em grupo focal, com duração de cerca de 2 horas, haja vista que um período maior poderia ser desgastante aos participantes, prejudicando que o trabalho se tornasse profícuo (GOMES et al., 2009; GATTI, 2005). Para a realização do encontro do grupo, foi utilizado o espaço físico do serviço. Assim, a escolha por tal local se deu devido à facilidade de acesso e pelo fato de já ser conhecido pelas famílias. Além disso, foi considerado adequado para a preservação do sigilo e ambiente confortável para os participantes. Uma das pesquisadoras atuou como facilitadora da discussão, assegurando que todos os integrantes participassem, fazendo conexões entre os relatos e objetivando que os principais pontos do plano de observação fossem atravessados. O início das atividades no grupo das crianças começou por meio da orientação sobre produzirem, artisticamente e da forma como achassem melhor, o que entendiam por família, em metade de um papel A3. Rapidamente se apropriaram da tarefa e começaram a construí-la. O assunto foi iniciado por intermédio de relatos das crianças a respeito de episódios envolvendo os acolhidos que estavam sob a responsabilidade de seus pais. Esse material produzido, bem como as falas das crianças gravadas e transcritas, foram objeto de análise e discussão.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Para a análise do material elaborado, o referencial teórico adotado teve por base as contribuições da Psicologia Sócio-Histórica e suas implicações para a análise dos sentidos, inspirado em estudos realizados por Aguiar et al. (2006) e Aguiar et al. (2013, 2015) e na perspectiva Vigotskiana sobre a construção dos sentidos e significados. Esse recurso perspectiva auxiliar na apropriação das significações construídas pelo sujeito no contexto onde se insere, ou seja, sua realidade, considerando que os elementos determinantes que incidem sobre a forma de significar a realidade não estão ao alcance imediato do pesquisador a priori. A primeira etapa dessa análise ocorreu pelo levantamento dos pré-indicadores após a transcrição minuciosa de todo material, aproximado ao conteúdo do diário de campo, destacando-se os conteúdos de fala que indicavam maior carga emocional ou ambivalências. Posteriormente, os pré-indicadores foram filtrados com base nos objetivos deste trabalho e organizados de forma a revelar maneiras de pensar, sentir e agir mediado pela história e marcado pela cultura, que converte esses processos em funções psicológicas, chegando nos indicadores (AGUIAR; AGUIAR, 2006, 2013). A terceira e última etapa foi a de construção dos núcleos de significação, articulados por meio de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios, desvelando as condições subjetivas, contextuais e históricas. Trata-se do momento em que o pesquisador mais se aproxima da realidade concreta, conhecendo os sentidos atribuídos pelo sujeito para a realidade na qual está inserido (AGUIAR; AGUIAR,

2013; AGUIAR et al., 2015).

8) Resultados / dados produzidos – As análises do grupo apontaram que para as famílias acolhedoras, o acolhimento das crianças que sofreram situações de violência por meio desse serviço seria um caminho para assegurar amor, cuidado, carinho e afeto, visando preparar a criança para o futuro, ainda que naquele momento não se tenha claro qual ele seja. Observa-se que se baseiam na própria organização familiar quando relatam as vivências do que é ser uma família, o que indica uma forma e um lugar social que configuram essas percepções. União, amor, respeito, educação e proteção são adjetivos atrelados a essa família bem como o cuidado, do qual mencionam, dentro de suas possibilidades, participarem. Os indicadores analisados neste texto mostram como o processo de acolher é significativo e transformador para todos os envolvidos, mas, de modo especial, para as crianças e adolescentes que vivenciam essa experiência e esses afetos. De forma geral, o acolhimento faz-se tão presente na vida da criança e do adolescente que acolhe que a própria representação de família já inclui uma criança acolhida, como no caso de Tiago, evidenciando o lugar de pertencimento do outro em sua vida e da prática de acolher. Quando falam especificamente a respeito da família acolhedora, apontam aspectos centrais como a não existência de preconceitos, estigmas que muitas vezes são construídos sobre os supostos fracassos das famílias pobres em desempenharem seus papéis parentais. Ao mesmo tempo, observamos que a experiência de acolher apresenta aspectos extremamente positivos, ainda que a vivência seja complexa e, por vezes, conflituosa, as falas das crianças e adolescentes acolhedores demonstram a própria condição humano-genérica que já se manifesta em suas percepções e posições diante da realidade que os cercam. Concordamos com Sarti (2015) quando compreende que família se delimita simbolicamente baseada no discurso que constrói sobre si própria. Não se nega que há uma construção cultural instituída, mas se aponta a sua singularidade: “cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida” (p. 28) a partir de uma realidade vivida que tem base em elementos objetiva e subjetivamente possibilitados na cultura em que se inserem. Com o acolhimento, narram aprender sobre amor e cuidado para com os acolhidos, que são apresentados como membro da família. Explicita-se que processos educativos atravessam todos os momentos dessa experiência na medida em que as crianças aprendem, ensinam e reinventam o que é ser família, ser família acolhedora e atravessar dificuldades, além de mediarem, em suas outras relações, aspectos dessa vivência. Nessa perspectiva, não há como negar o impacto produzido na formação desses indivíduos e o quanto esses processos podem ser importantes para o seu desenvolvimento enquanto gênero humano, atribuindo novos sentidos a essa existência.

9) Recomendações – Não identificado.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.